

BRASIL

SAÚDE

Quem já tomou ou toma o medicamento Vioxx, suspenso por aumentar risco de infarto e derrame depois de 18 meses de uso, está assustado com o risco de ficar doente. Outras drogas podem sair do mercado

Com medo dos efeitos colaterais

HÉRCULES BARROS

DA EQUIPE DO CORREIO

A notícia da retirada do anti-inflamatório Vioxx das prateleiras das farmácias gerou preocupação em quem já tomou ou toma o medicamento. É o caso dos participantes da Ginástica Postural para Hérnia de Disco Lombar que funciona na Universidade de Brasília (UnB). O grupo se reúne há dois anos no Centro Olímpico da Faculdade de Educação Física para fazer exercícios e se livrar das dores que podem até travar a coluna. Todos os participantes da ginástica já fizeram uso contínuo do Vioxx e temem efeitos colaterais.

“Para o laboratório retirar o remédio do mercado é porque tem consequências desconhecidas”, acredita a enfermeira Maria Cristina Rodrigues, 49 anos, que tomou a medicação por uma semana. Antes, o Vioxx era usado como uma muleta pelos integrantes da malhação na UnB para se livrar das dores agudas. “A medicação resolve apenas o problema temporário da dor. A droga só desin-

flama, mas não resolve”, adverte a professora Elaine Wetler, especialista em ginástica postural.

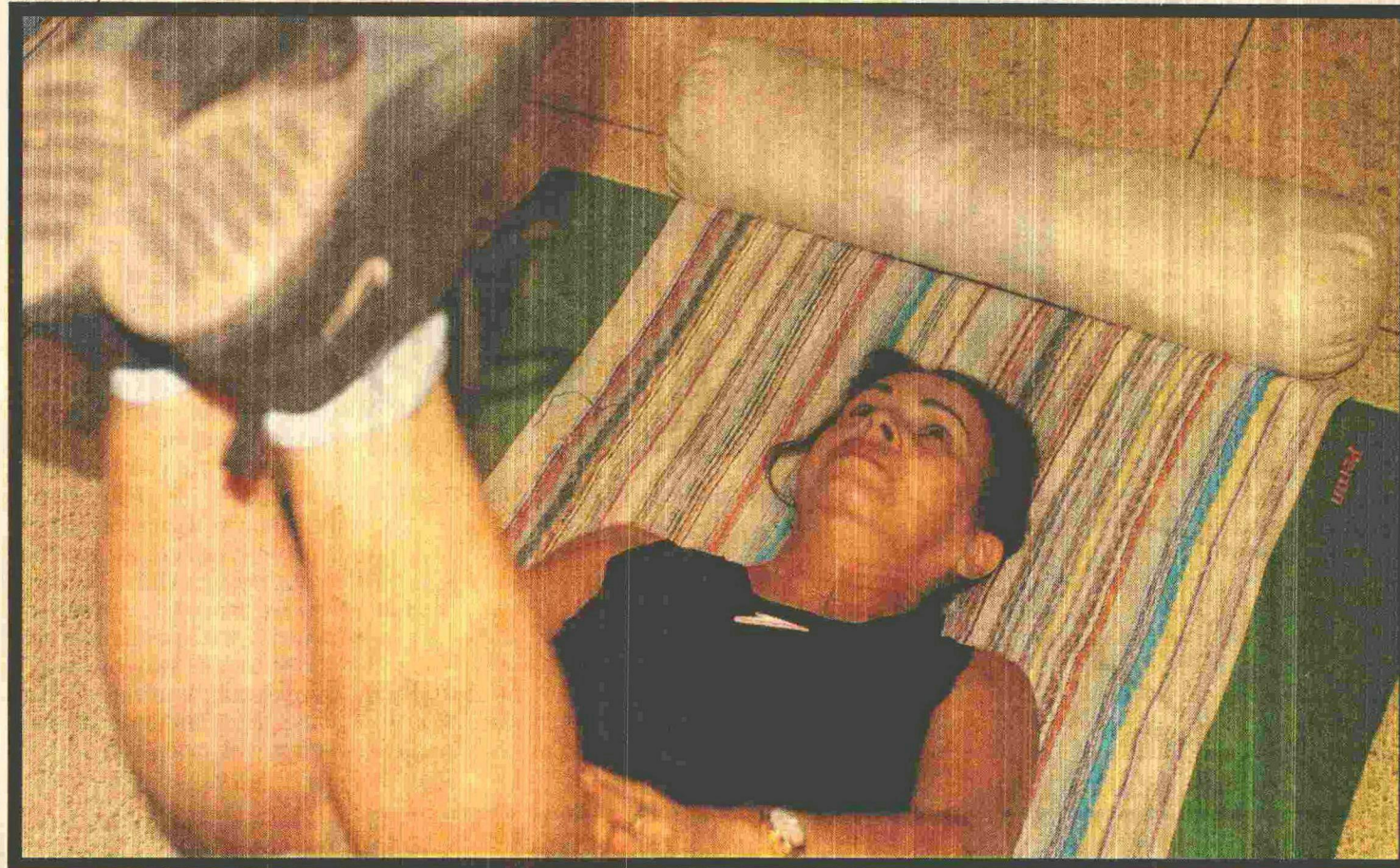
Ela considera positiva a proibição de venda e acredita que situação parecida vai ocorrer com remédios da família dos “coxibs”, como o rofecoxib, do Vioxx. “O etoricoxib e celecoxib também devem sair de circulação”, defende. Esses medicamentos são conhecidos no mercado como Arcoxia e Celebra.

O Vioxx foi retirado do mercado de mais de 80 países por decisão do laboratório Merck Sharp&Dohme. Estudos internacionais mostraram que o uso contínuo da medicação aumenta o risco de derrames e infartos.

O ortopedista especializado em traumatismos esportivos Esdras Calland diz que não há motivo para pânico. Ele explica que, mesmo pertencendo à linha de medicações dos “coxibs”, os radicais que compõem a fórmula química de cada remédio são diferentes.

O professor Sérgio Henrique Ferreira, do Departamento de Farmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade

Paulo de Araújo/CB



A ENFERMEIRA MARIA CRISTINA TEM HÉRNIA DE DISCO E USOU VIOXX POR UMA SEMANA. ESTÁ ASSUSTADA COM A DECISÃO DO LABORATÓRIO

O REMÉDIO

- É o carro-chefe do laboratório, lançado mundialmente em 1999
- Representa 15% da vendas no Brasil
- Rendeu US\$ 2,5 bilhões em 2003 no planeta
- No Brasil, rendeu US\$ 30 milhões
- São vendidas 500 mil caixas por mês no país
- É o segundo medicamento que mais dá lucro às farmácias
- No mundo, é o 18º mais vendido

de São Paulo, em Ribeirão Preto (SP), diz que para o etoricoxib e o celecoxib causarem os mesmos problemas do Vioxx será preciso avaliar as doses usadas. “Esses medicamentos precisam ser acompanhados pela Agência de Vigilância Sanitária (Anvisa) para definir a permanência no mercado”, diz.

À parte das especulações dos especialistas, a Anvisa optou pela

prevenção. “A agência está discutindo iniciar um estudo de revisão de todos os medicamentos da classe coxib como medida preventiva”, antecipa o gerente da unidade de farmacovigilância da Anvisa, Murilo Freitas Dias.

Droga recolhida

Ontem, o Correio percorreu 12 farmácias no Cruzeiro, Guará, Su-

doeste e Plano Piloto à procura de Vioxx e todas haviam recolhido o medicamento. Em três delas, os farmacêuticos afirmaram que só venderão anti-inflamatórios da família dos “coxibs” com receita médica. Cinco ofereceram o etoricoxib e o celecoxib como alternativa ao Vioxx e quatro sugeriram medicamento a base de diclofenaco sódico como opção.

Aos pacientes que utilizam o Vioxx, a dica dos especialistas é discutir com o médico a continuidade do tratamento com outras drogas e possíveis alternativas terapêuticas. Profissionais e pacientes podem obter informações pelo número de telefone 0800-122232 (do laboratório Merck Sharp&Dohme) ou pelo site da anvisa www.anvisa.gov.br.